

PSIU!

Jornal da Psicologia da UFRGS – número 07 – dezembro 2004

Poema água

Quero um poema úmido
Que se embace na primeira leitura.
Que molhe a mente de quem o
sinta
E que lhe escorram pensamentos
líquidos



Quero me banhar ao escrevê-lo
Lavar meu corpo e minha alma do
que é sólido
E sentir um frescor de mergulho
em cada parte
Assim boiarei nos meus planos
E finalmente afogarei meu bom
senso.

Etiane Araldi (1º ano)

Em busca do ENEP 2005

O ENEP 2005 vai acontecer entre os dias 19 e 25 de março de 2005, em Vitória – ES. O ENEP é o maior evento estudantil da psicologia do Brasil, e deve contar com a presença de mais ou menos 2000 pessoas.

O DAP está organizando um ônibus para ir ao ENEP e precisa da ajuda de quem tem vontade de ir para organizar essa viagem! Podemos fazer festas, rifas, pedir patrocínios, fazer pedágio... Vale tudo para baratear o preço do ônibus e garantir que mais pessoas possam participar deste evento. Por enquanto, o ônibus vai custar 215 reais por pessoa, mais 70 reais de inscrição (incluindo alojamento e alimentação).

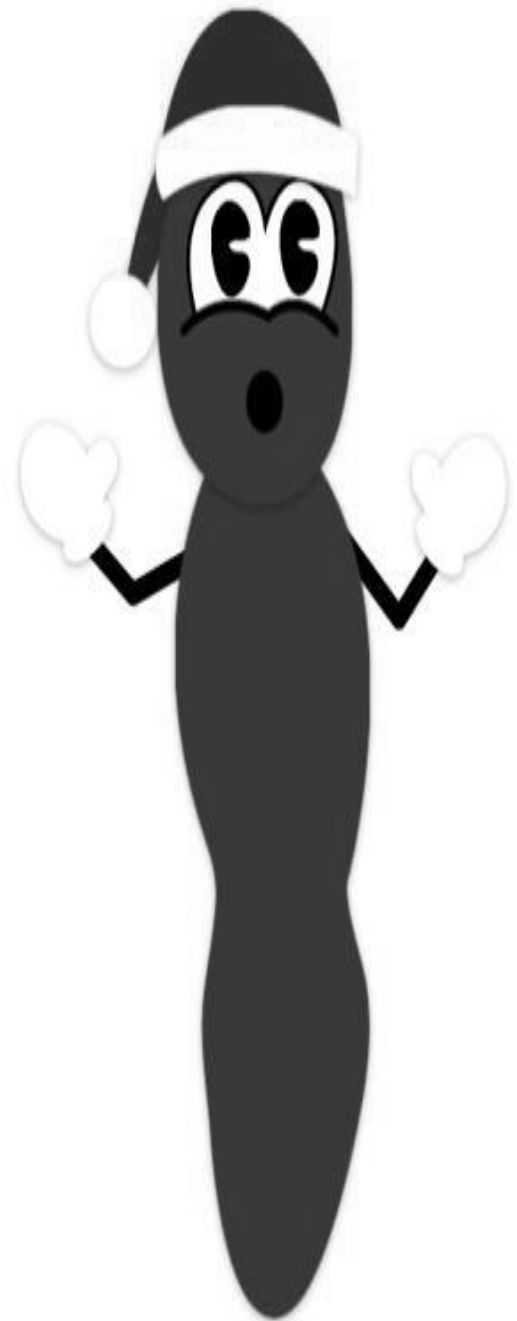
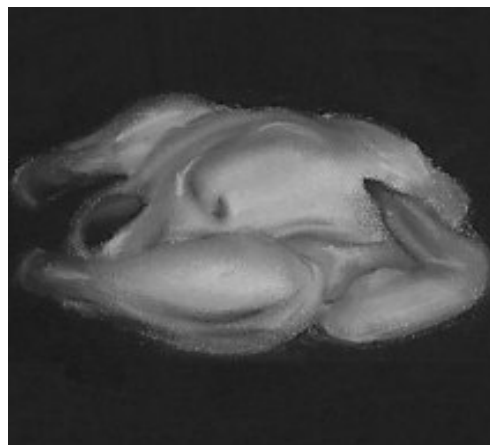
E por que ir ao ENEP? Apesar dos banheiros coletivos e da longa viagem de ônibus, no ENEP a gente conhece pessoas novas, de todo o Brasil, conhece melhor os próprios colegas, vê lugares novos (leia-se praias lindas!), faz festa todo dia, discute o movimento estudantil e a psicologia, estica as férias... E quando volta, tem muita história pra contar.

Pra saber mais sobre o ENEP, visite www.psicologia.ufrgs.br/dap/enep.htm

Que delícia!

Na próxima edição...
as curvas mais
redondas, o design
mais moderno, o
conteúdo mais
fervente...

Não perca: ensaio
sensual da Cafetina, a
cafeteira. Em março.



Escreva para o PSIU

Escreva para o emaildopsiu@pop.com.br

Editoração: Manoela Carpenedo, Carol Chassot, Marcos Lampert, Vitor Butkus, Sara Hartmann
Realização: DAP – Diretório Acadêmico de Psicologia

Após a grande polêmica suscitada pelo editorial anterior – em que cutucamos a partidização do movimento estudantil criticando o apoio do PSOL à chapa vencedora da eleição ao DCE – resolvemos usar este espaço para lembrar os leitores sobre o funcionamento do jornal e sobre sua relação com o Diretório Acadêmico da Psicologia da UFRGS.

O PSIU é uma colagem de textos escritos e enviados pelos estudantes da Psicologia. Não existe nenhum tipo de seleção: estética, filosófica, moral, política, partidária, pessoal... O fio condutor é a diversidade daquilo que recebemos.

A equipe de editoração, que se encarrega da montagem e da diagramação (e dos editoriais) não é fixa: molda-se de acordo com as possibilidades e o desejo dos participantes.

Nesse contexto variável de acaso e imprevisibilidade, salientamos que o editorial do PSIU não representa a opinião do DAP ou dos estudantes de Psicologia. O editorial, se representa alguma coisa, é a fermentação de idéias e humores e amores que eclode desse encontro quase casual.

Foi aberto um espaço aos criticados pelo último editorial para que respondessem à suposta calúnia que se espalhou com o vento e se grudou nas nossas páginas. Porém, não recebemos a resposta dos que se indignaram com a opinião produzida naquele momento.

Sendo assim, boas férias e passem filtro solar.

A lua no cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava pra ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor
que até hoje a lua insiste:
Amanheça, por favor!

Paulo Leminski



Agenda

QUANDO	ONDE	O QUÊ
Dia 13/12, segunda, 17:30	Sala 210	Assembléia dos Estudantes de Psicologia – Votação do Estatuto do DAP!
Ainda segunda... 19:30	Sala 210	Quarto ano convida: "Colóquio Narrativas de Si Mesmo". Debate com Charles Kiefer, Edson Sousa e Liliane Froemming.
Dia 16/12, quinta, 9:30	Salão de Atos II	A Universidade em Debate (Discussão sobre a Reforma Universitária)
Dia 16/12, quinta, 16:30	Sala 101 – Faculdade de Educação	Café Científico – O conceito de tempo na ciência e na vida. Apresentadores: I. Izquierdo, J.R. Iglesias e F. Salzano
Dia 16/12, quinta, 20:30	Dap	Psico 8 e ½ Especial
De 22 a 26/01 (a confirmar)	Instituto de Psicologia	CONEPSI – encontro dos diretórios acadêmicos de psicologia do Brasil
De 26 a 31/01	Porto Alegre	Fórum Social Mundial
29/01, sábado, 17:00	Salão de Atos	Formatura da Psicologia

1.

Carregava no peito um coração de ouro preso a uma correntinha. O coraçãozinho ela ganhara quando criança, a correntinha veio depois. O coraçãozinho ela mantinha guardado numa caixinha, para não perder. Tinha muito valor, era de ouro, tinha vindo de longe. Logo em criança fora presenteada com um coraçãozinho de muito valor e que tinham medo que perdesse. Pode-se dizer que seu destino fora traçado em criança. “Tu terás um coração de ouro e correrás eternamente o risco de perdê-lo. Guarda-o numa caixinha, mantém a salvo este precioso tesouro que te deram.” Mas ela não resistiu: teve de mostrar ao mundo o coração. Arrumou a correntinha de ouro para poder carregá-lo no peito; mas ela arreventou. E o coração ficou guardado na caixinha mais uma vez.

2.

Andava na chuva com sua precária sombrinha. Molenga. O vento batia forte, e os pingos da borda caíam na sua calça fina. Frio frio frio frio. Algumas pessoas cruzavam seu caminho, ela se defendia como podia. Os pingos-cacos-de-gelo vinham de todas as direções. Ela tinha vontade de chorar. Gelo gelo gelo gelo. Ela corria corria, mas parecia que quanto mais fazia força, mais devagar se deslocava. Ela caminhava com dez toneladas atadas a cada perna. E os pingos não davam trégua. Caíam no rosto, até. Começou a sentir a umidade na ponta do sapato, vindo devagarinho e congelando a ponta dos dedos. O gelo gelo gelo a invadia implacável. E ela fugia. E o gelo gelo gelo a acompanhava. Desviava. Esbarravam. Desesperava.

3.

Ficou ousada: quis novamente carregar consigo o coração, todos os dias. Arrumou, então, uma outra correntinha dourada e a colocou em roda do pescoço. Agora sua sina era pública e visível, seu coraçãozinho reluzente estava ali para quem ousasse fitá-lo. Mas poucos possuíam tamanha coragem ou presença de espírito. Alguns se aproximavam com curiosidade e observavam-no, de uma distância segura, mas nenhum chegou perto o suficiente para perceber a pequena dobradiça no lado esquerdo do coração e o minúsculo fecho do outro lado. Sim, o coração abre, mas ninguém ousara ver o que havia dentro.

4.

Sucumbiu. Baixou a cabeça. Fitava os respingos das poças enquanto pisava-as. Splosh splosh splosh. Saraivada de gotas geladas. Pingo pingo pingo. Chuva chuva chuva. Inexorável, molhada e fria. As extremidades do seu corpo estavam todas úmidas. Os olhos umedeceram-se também. Pingo pingo, choro choro. As pessoas iam e vinham a sua volta, cada vez mais rápidas para fugir da chuva. E ela caminhava em câmera lenta.



5.

Uma segunda vez a correntinha do seu coração arreventou. E desta vez o coração caiu no chão e se perdeu. Ela procurou em todos os cantos e frestas da casa, até que viu um reflexozinho vindo de uma fresta debaixo da cômoda. Seu coraçãozinho de ouro estava caído lá no fundo escuro. Inacessível.

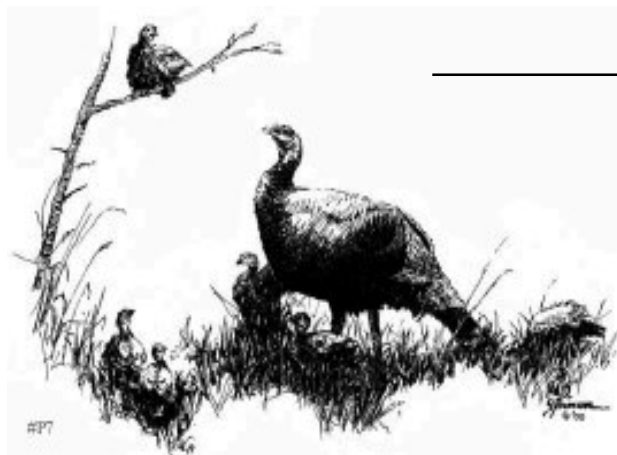
6.

Pessoas caminhavam poc poc poc ao seu redor. Desviavam da sua sombra úmida e fria. Não percebiam seu olhar úmido e quente escondido atrás da aba da sombrinha. Ela viu uma sombra úmida e quente vindo poc poc em sua direção. Ela a sentiu chegando perto, e mais perto, poc poc poc. Levantou a aba da sua sombrinha e viu um guarda-chuva preto sobre a sombra quente e úmida. Fitou seus olhos secos através da cortina de pingos de chuva e de lágrimas. Sua sombra úmida e fria esquentou de repente. Sentiu-se caminhar poc poc poc em direção ao guarda-chuva preto. Seus olhos secaram.

7.

Ele trazia uma lanterna no bolso direito da calça. Apontou-a para o coraçãozinho perdido embaixo da cômoda e o viu reluzir. Pegou uma haste do seu guarda-chuva preto molhado e fez um gancho. Cutucou o vazio escuro debaixo do móvel, até enganchar a correntinha dourada na ponta dobrada da haste de metal. Tirou o coraçãozinho de lá das brumas. Estava aberto: ao cair, o fecho deveria ter cedido. Ele notou que não havia nada dentro. O espaço que o joalheiro reservara para, quem sabe, uma foto ou uma gravação de iniciais, estava vazio. Ele resgatara um coração vazio das brumas. Tão vazio, que parecia não ter vivido. Parecia não ter dono. Ele trazia uma fita no bolso esquerdo da calça. Amarrou o coraçãozinho ao pescoço dela. Ela voltou a exibí-lo no peito. Eles andaram juntos debaixo da sombrinha molenga. Poc poc poc. Em uníssonos.

Raquel Ebert (5º ano)



a noite
me pinga uma estrela no olho
e passa

Paulo
Leminski

Trote - As três justificativas

Há três afirmações básicas em que veteranos se ancoram para justificar o trote. Primeiro: *é tradição*. Todos fazem e sempre foi feito. Segundo: *é uma brincadeira*. Faz-se por diversão. Terceiro: promove a *integração* entre calouros e veteranos. À maneira de Platão, vamos analisar uma a uma.

Sobre o trote ser uma *tradição*, podemos dividir as opiniões do debate, portanto, da seguinte maneira: existe quem queira conservá-la — os conservadores — e quem a abomine e deseje instituir um novo comportamento — os rebeldes, ou progressistas. Naturalmente, é difícil desvendar a psicologia de uma tradição enquanto ela ainda está vigente, pois o que se torna hábito — ou um mito, como será visto adiante — é feito de forma automática, e as intenções que o fundamentam ficam escondidas sob sua solidez.

Todo fenômeno que acompanha a inércia do hábito aparenta, de fato, ares de verdade inelutável. Pierre Bourdieu refletiu sobre este problema, que chamou de “violência oculta”. Suas análises das práticas culturais utilizam essa noção de *habitus* — termo que designa certo sistema estável de disposições a perceber e agir, que concorrem para reproduzir uma ordem social estabelecida, em suas desigualdades.

Percebemos, entretanto, que há alguns anos manifesta-se, na comunidade acadêmica, certa inquietação sobre a legitimidade do trote. Porém, esse desconforto é expresso em um debate muito pobre entre conservadores e progressistas: estes não o querem “porque não!” e aqueles o querem “porque sim!”. Alguns abusos que acabaram levando calouros à morte chamaram a atenção da opinião pública sobre os limites das “brincadeiras”. Contudo, não são os excessos — ou as exceções — os objetos desta análise. O que se deseja verificar é o *sentido* do trote, assim como seus propósitos e motivações.

Os defensores dessa *tradição* não são sequer capazes de conceituá-la, pois não há qualquer reflexão sobre a prática. Essa conduta lembra a técnica do *reflexo condicionado*, de Pavlov. Sem nos perdermos em detalhes, o procedimento básico experimentado pelo fisiologista russo era repetir mecanicamente os temas e sugestões de forma que o conceito — qualquer que seja — alcance ares de verdade natural e fique impregnado no comportamento.

Entretanto, um outro conceito parece mais adequado. Roland Barthes esboçou, em *Mitologias*, uma teoria semiológica dos “mitos contemporâneos”. Ele explica como o mito parece sustentar-se na linguagem cotidiana e faz passar por “naturais”, ou “evidentes em si mesmos”, valores parasitários do que chamou de “uma espécie de monstro: a pequena burguesia”. O antropólogo Claude Lévi-Strauss também estudou os mitos como forma de linguagem e identificou os “mitemas” — mitos particulares — que, assim como os “fonemas”, unidades básicas da linguagem, só adquirem sentido em sua combinação. Essas regras combinatórias formariam uma espécie de gramática que permitiria descobrir, por exemplo,

o *sentido* desse mito. O trote, neste caso, poderia ser entendido como um mitema: no contexto de nossa sociedade, estaria servindo ao mito do direito natural de dominação.

Aí está a grande dificuldade encontrada pelos progressistas para dissuadir os conservadores que defendem a manutenção do trote. Como já observou o escritor irlandês Jonathan Swift, “você não pode dissuadir alguém pelo raciocínio de uma convicção a qual ele não foi levado pelo raciocínio”. Um conceito, contudo, é ponto pacífico para as duas tendências divergentes: uma sociedade avança na medida em que tradições obsoletas desmoronam para que novos conceitos sejam erguidos e, aos poucos, solidifiquem-se em uma nova tradição.

A afirmação de que o trote é uma *brincadeira*, uma coisa divertida, também mostra-se perfeitamente falsa. Uma brincadeira presume convivência explícita entre os participantes. Se um não aceita, não é mais diversão: é coerção, ou, na linguagem popular, uma “brincadeira besta”. A atual geração de calouros está se mostrando mais resistente ao trote. Percebe-se que brincadeiras estúpidas estão gerando antipatias mais ou menos profundas.

Existe, porém, o caso do jogo, onde um dos adversários ganha e o outro necessariamente perde. Entretanto, o pressuposto é que ambos concordam com as regras. Um jogo onde as normas são elaboradas para o desfrute exclusivo do mais forte — ou mais graduado — não é legítimo, e o mais fraco — ou o menos graduado — deve protestar com veemência. Sartre dizia ser detestável a vítima que respeita seu carrasco. Evidentemente, há calouros que se sujeitam aos constrangimentos do trote, mas isso vamos analisar mais a frente.

A questão da *integração* entre calouros e veteranos esbarra na fronteira onde esta argumentação pretende superar. Veteranos afirmam que as humilhações impostas são uma maneira de unir os estudantes. Mas esta união, como se vê, carrega um discurso muito claro: é perfeitamente realizável, desde que todos se coloquem nos seus “devidos lugares”, ou seja, o veterano entende que sua graduação de número mais alto automaticamente justifica a dominação ao calouro de graduação de número mais baixo. Portanto, sente-se no “direito natural” de, por causa desta hierarquia, esculhambá-lo à vontade. A integração é feita na medida em que o calouro aceita a submissão como um fenômeno evidente em si; o rebaixamento servil está diretamente relacionado à seu “baixo grau de instrução”. De acordo com essa mentalidade, os calouros que não aceitam ser diminuídos estão agindo contra a harmonia da integração.

Como se vê, é trágica a primeira lição aprendida na universidade: os que sabem mais têm o direito natural de subjugar os que sabem menos.

André Azevedo da Fonseca – Matéria publicada no Revelação (jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba) n. 199, em 18 de março de 2002

Como fazer uma proposta de estatuto?

Muita disposição, criatividade e álcool. Três ingredientes básicos para que a nova proposta de estatuto do Diretório Acadêmico saísse de nossos corações aflitos e passasse para o papel, novinho em folha para que novamente seja debatido, arrumado, benzido e, finalmente, votado! Começemos pelo início.

Desde a última assembléia, estavam inscritos alguns indivíduos dedicados a perder seu tempo em uma comissão para construção da mais nova proposta de Estatuto para o DAP. Esta passageira comissão se apresentou no intuito de fazer brotar uma orgia intelectual intensa, para dar forma a este importante documento. Mas apesar desta responsabilidade e seriedade em que todos que se encorpam nesta tarefa estavam envolvidos, preferimos iniciar as negociações no lugar mais apreciado pelos estudantes de psicologia: O bar da Glória. Quem teve esta brilhante idéia eu não sei (já ouvi muitos reclamando os créditos), mas posso dizer que foi bem interessante esse “novo” conceito de reunião. Sinceramente, eu não me lembro o dia em que nos encontramos, muito menos do segundo encontro (mais por tempo em que se passaram do que por impossibilidades físicas), portanto se conformem com uma descrição atemporal.

Nesse princípio de discussão percebemos que nossa função não seria tão fácil. Muitos detalhes, pormenores, palavras, etc. Passamos todo o tempo levantando idéias, expressando nossas opiniões. Posso dizer que conseguimos fazer o levantamento razoável dos limites do estatuto, todas as generalidades do processo. Foi um começo descontraído e proveitoso. (talvez se outra pessoa tivesse se responsabilizado para escrever, e não este humilde estudante do 1º ano que vos escreve, teríamos rendido um pouco mais)

Um segundo encontro já era esperado. Portanto

dessa vez organizamos algo mais interessante: domingo, às 18 horas, Filipe camarão, 319, apartamento 202. Perto de um mercadinho barato, bom para o bolso e para nossa criatividade. Pois bem, os trabalhos começaram pelas 19 horas, depois que todos chegaram e que fizemos as compras. Desta vez estávamos mais organizados, abastecidos e com um pouco mais de silêncio que a esquina movimentada da Dona Glória. Passamos o final de tarde todo, adentramos a noite, para que fosse possível entregarmos essa bomba a tempo. Graças a experiência de todos os antigos estudantes (piadinha, desculpem!), que por causa dos anos em que trabalharam voluntariamente por nosso diretório, acrescido da disposição do pessoal novo que esta entrando no curso, conseguimos criar uma proposta interessante e com todas as “frescurinhas” e detalhes necessários.

Sáímos pelas 22h30min aproximadamente, com a proposta mais ou menos estabelecida. Não satisfeitos, entretanto, pois sabíamos que muitas coisas devem ser discutidas ainda. Espero que tenhamos sido competentes o suficiente para disponibilizar o estatuto a tempo da assembléia (13/12), e que esteja claro que todos podem e devem dar suas sugestões e contribuições. Portanto, não deixem de ler esse documento um tanto chato antes de comparecer a assembléia do dia 13 para que as discussões sejam ricas e bem ornamentadas com conteúdo.

Guto (1º ano)

Incenso fosse música

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

Paulo Leminski



houvesse partido

la ir e não ia. Para isso, preparava-se. Arrumava suas coisas para ir, tomava um café com leite antes de sair, sentado no colchão. Desfazia as malas, lavava o rosto e tirava os sapatos. Como se tivesse recém chegado, atirava-se no sofá. Como sentisse algo entre os dentes, precisou escová-los, pois estava de saída. Cantorolou pausado um poema de Waly ao colocar a escova no lugar. Correu dando um jeito nos cabelos: porque partia.

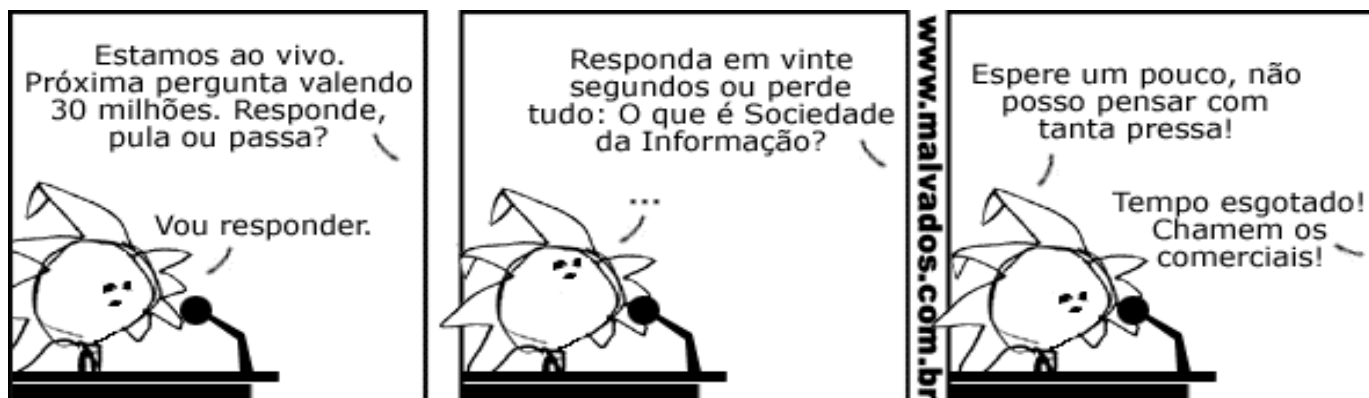
Tinha poucos minutos e tantos detalhes de que se lembrar, e ao mesmo tempo ainda algumas horas vagas para ocupar. Por isso juntou uns objetos que deveria levar. Colocou-os em cima da cama. Deitou-se do seu lado. Acordou só no outro dia, atrasado e preocupado, e dessa vez nem foi ao banheiro antes de calmamente sentar-se e acariciar o gato cinza, os pêlos moles, a pele gelatinosa, o corpo do gato a modelar-se e refazer-se sob dedos, o sorriso gordo, as pernas esparramadas pelo tapete, o barulho se esparramando pelas gargantas, de sono e prazer, uma delícia, e sono, e

com a outra mão limpava a sujeira da semana passada, amarela e esfregada com esponja, no tapete

ao lado do gato, porque precisava sair. Porque alguém iria chegar dali a pouco, e a sujeira berrava toda incrustada, era mostarda. E afinal ele iria partir, e por muito tempo permanecer fora, e já poderia estar atrasado, não quis assim mesmo olhar o relógio, porque a pressa não era também tão grande. Mas já deveria ser tarde, e ele resolveu ligar a televisão; já estava justo saindo.

Os objetos todos sobre a cama, uma máquina fotográfica, umas caixinhas vermelhas de fósforos, um relógio e uma chave de fenda, e tudo espalhado, já como quem estivesse de saída botou as coisas no bolso, e tudo estava já pronto, ou quase, ainda algumas pendências havia, sentou-se, cruzou as pernas e pegou do bidê uma revista velha para ler. Levantou-se de um pulo, abraçando a mochila; vestiu-a como quem fosse, porque de fato agora já ia, se bem que, com toda a calma, e nenhuma, apressou-se para não perder o ônibus.

Vitor Butkus – 2º ano



Por um Papai Noel tropical

De todas as vitrines natalinas, a melhor de todas é a do 5ª Avenida Center, na rua Mostardeiro. Logo na porta de entrada da galeria, há uma rede bem amarela pendurada, com um boneco barbudo, em tamanho real, atirado nela. O bom velhinho não veste roupa de lã vermelha nem touquinha na cabeça, e sim um par de chinelos, uma bermuda clarinha e uma camisa estilo Havaí, coloridona...

Enquanto seus funcionários – os duendes – trabalham na fábrica de brinquedos lá no Pólo Norte, Papai Noel está de férias aqui nos trópicos!

Maria Ribeiro (3º ano)

aqui
nesta pedra
alguém sentou
olhando o mar
o mar
não parou
pra ser olhado
foi mar
pra tudo quanto é lado

Cartas

Paulo Leminski

Olá, pessoas do Psiu.

Gostaria de dizer que o jornal tá melhor a cada edição. Gostei das novas colunas de cartas e daquela das personalidades do instituto. E também é legal ver que o pessoal da psico tá se puxando e mandando coisas pra serem publicadas.

Raquel Ebert (5º ano)

Coluna dos Representantes Discentes

Use o email repdiscentes@yahoogrupos.com.br para se comunicar com eles e dar sua opinião sobre os assuntos em pauta. Não precisa se associar ao grupo para enviar e-mails.

Conselho da Unidade

Aprovado o regimento da Clínica da UFRGS. A regulamentação do futuro bar está sendo apreciada e é passível de alterações. A licitação do xerox foi encerrada e a proposta vencedora foi do Ponto das Cópias (Juliano, velho conhecido do pessoal da Psicologia)

*Representantes Discentes: Gustavo e Francisco – 3º ano.
Suplentes: Etiane e Heitor – 1º ano*

Comgrad

Os departamentos elegeram os novos representantes da Comgrad: Nair Iracema S. dos Santos, Carlos Henrique Kessler, Maria Célia Pacheco Lassance, Lisiane Bizarro Araújo, Rosângela Soares (Educação), Renata Rosat (Fisiologia). Dia 15/12 ocorrerá eleição do coordenador da Comgrad, entre esses representantes. Estudantes têm direito a 1 voto através do RD. RD's questionaram os representantes da Comgrad sobre as quebras de pré-requisitos. A Comgrad e os departamentos não dão quebra, a não ser em casos muito excepcionais. Os pré-requisitos de várias disciplinas foram revistas e retiradas, e os que permaneceram foram considerados essenciais. Os alunos podem pedir a retirada de pré-requisitos do currículo. Esse processo deve ser feito junto aos departamentos, e leva cerca de 1 ano.

*Representante Discente: Cristiane – 1º ano
Suplente: Carolina – 2º ano.*

Departamento de Psicologia Social e Institucional

Foi discutida a transferência da professora Lia Freitas do Dep. de Psicologia Social para o Dep. de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade. O acordo entre os departamentos é que a próxima vaga disponível no Dep. de Desenvolvimento será cedida ao Dep. de Social para completar a equipe de professores. Como a vaga ainda não está disponível, o Dep. decidiu postergar a aprovação da transferência. A professora Lia Freitas informou que foi convidada para ingressar no quadro de professores da pós-graduação do Dep. de Desenvolvimento em 2005 e que solicitará desligamento da pós-graduação do Dep. de Social assim que seus orientandos atuais tiverem concluído seus mestrados.

*Representante Discente: Fernanda – 1º ano
Suplente: Adriano – 1º ano*

Departamento de Psicanálise e Psicopatologia

Foram discutidas as ênfases para a reforma curricular. O título de uma disciplina foi colocado em questão, havendo um certo conflito se o enfoque seria apenas em psicologia clínica ou se envolveria conceitos de políticas públicas. A reunião foi curta, pois se realizou no mesmo dia da discussão das ênfases entre os departamentos.

*Representante Discente: Márcia – 2º ano
Suplente: Júlia – 2º ano*

Sobre o buraco

7



No saguão da faculdade havia um buraco.

Havia um buraco no saguão da faculdade.

Disse o behaviorista: precisamos recompensar os pedreiros ou quem quer que seja para que se o tape.

Disse o romântico: o buraco clama pelo monte de terra, a terra treme de vontades, o buraco enche-se de nada e cresce.

Disse o metafísico: enfim, a origem e o fim vêm à tona, finalmente escavados aos olhos dos mais pedestres freqüentadores do RU.

Disse o psicanalista: não toquem no buraco! Vamos escutar o sussurro dos chineses.

Disse o hermeneuta: o buraco não vai parar na China, vai parar na Pérsia.

Disse o estruturalista: o buraco se insere num contexto maior de esvaziamentos positivos e transbordamentos negativos.

Disse o pós-estruturalista: o buraco não existe. Ali apenas pululam umas brisas, de diferentes intensidades, e desterritorializadas.

Disse o fashionista: com um estilo clean e despojado, o buraco seria um arraso nas passarelas internacionais.

Disse o psiquiatra: vamos tapá-lo de fármacos para podermos caminhar com segurança.

Disse o humanista: vamos dar as mãos a ele – é só um buraco à procura de compreensão.

Disse o crítico de arte: realmente, trata-se de uma obra que convida o espectador a questionar os caminhos que pretende fazer.

Orlando Oitavo – 1º ano



Na penúltima edição do PSIU, ou antes, um artigo falava, entre outras coisas, da imortalidade que o Orkut nos proporciona. Pois é, depois de quanto tempo sem que a pessoa acesse a página será que o sistema nos mata? Ou será que permaneceremos lá para sempre, imortais? Mais preocupante que isso é pensar a dimensão daquilo ali. A internet em si não tem fronteiras, é de acesso irrestrito em geral, embora haja uma minoria de *sites* fechados.

No Orkut não tem essa de fechado. Todos os *profiles* estão disponíveis, todas as comunidades são abertas, e qualquer um pode se manifestar ou simplesmente ler sem necessariamente identificar-se. Conheço uma gurizada de mais ou menos 14 anos que se diverte entrando no Orkut como se fossem jogadores de futebol, professores de seu colégio etc. Eles montam seu *profile* e se divertem com os *testimonials* que lhe são escritos, os *scraps* que lá são deixados etc. Imaginem a confusão que isso pode causar...

Quando entro numa comunidade, da Psicologia UFRGS, por exemplo, jamais me passa pela cabeça que alguém além de (ex-)estudantes de psico, e de preferência da UFRGS, vá entrar lá. Quando vejo o número de acessos ao meu *profile*, nunca imagino que sejam cliques de desconhecidos. Quando entrei na comunidade de (ex-)estagiários do Hospital Espírita de Porto Alegre (HEPA), nunca imaginei que alguém além de estagiários e ex-estagiários de lá fossem acessá-la. Senti-me na salinha da psicologia do hospital, aquele espaço que os estagiários transformam diariamente em uma supervisão.

Naquela salinha, um dia, as supervisoras reuniram as estagiárias para falar de um assunto sério. A Direção do hospital tinha sido procurada por um paciente indignado, que encontrara na internet uma comunidade de estagiários do HEPA

em que os mesmos comentavam situações de pacientes e ex-pacientes. Nenhum nome é citado, de forma que ninguém reconheceria a pessoa citada... MAS, a partir do momento em que o próprio paciente citado pode se deparar com aquele comentário, que um paciente paranóide qualquer pode visitar a comunidade e se encher de fantasias, que qualquer outra pessoa que não é nem nunca foi estagiário do hospital pode vir a ler aquele fórum, a situação torna-se gravíssima. O espaço para se falar de pacientes é exclusivamente a supervisão. Isso faz parte do contrato de sigilo que nós, enquanto representantes da categoria Psicólogo, estabelecemos com os pacientes.

Não pretendo com este artigo julgar a atitude de ninguém, apenas levantar questões para refletirmos. Em psicologês, minha intenção é que *problematizemos* a questão da nossa ética profissional em relação à internet. Acho que não nos damos conta das dimensões do Orkut, que pensamos nas comunidades como se fossem fechadas e protegidas. Lá, estamos muito mais expostos do que imaginamos! E isso tem suas conseqüências até na nossa vida privada, como é o caso de uma amiga minha que foi obrigada a sair do Orkut porque um cara começou a segui-la, encontrá-la nos bares que ela freqüentava e dizer-lhe tudo sobre sua vida, perseguindo a coitada obsessivamente!

Esse papo de ética na internet dá muito pano pra manga... É um território sem lei, onde estamos permanentemente sendo invadidos, seja por cliques no Orkut, seja por *pop-ups*, *spams* etc., seja por pessoas atirando ovos em nós através do "ovoneles.com" (que acho que nem existe mais). Mas o que eu achei mais urgente para colocar aqui foi a questão da Psicologia. Até porque já deve existir uma comunidade "eu ODEIO *pop-ups*" no Orkut, onde se discuta sobre isso...

Maria Ribeiro (3º ano)



PSICO 8 E 1/2

ESPECIAL DE FIM DE ANO

DIA 16 DE DEZEMBRO, QUINTA FEIRA

A PARTIR DAS 20H30

NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS

(RAMIRO BARCELOS, ESQUINA COM IPIRANGA)

ENTRADA GRATUITA

LATA 1,50